

MIRCEA ELIADE E A INTERPRETAÇÃO DE RELATOS MÍTICOS CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA BÍBLIA

Pesquisador: Lucas Merlo Nascimento
Universidade Metodista de São Paulo
Departamento de Pós-graduação em Ciências da Religião
Eixo Temático: Interpretação bíblica
Categoria: Comunicação oral

INTRODUÇÃO

Nessa breve comunicação, nossa intenção é apresentar uma síntese do pensamento de Mircea Eliade acerca de relatos míticos e pensar as possibilidades à interpretação bíblica. De certo que não poderemos abranger toda a complexidade e amplitude de seu pensamento, antes, abordaremos apenas o que pode contribuir à compreensão de textos míticos.

Eliade foi historiador das religiões e um dos tópicos mais marcantes de seus estudos foram os relatos míticos. A fim de compreender essa parcela de seu pensamento, utilizaremos seu *Tratado de História das Religiões*, por abranger boa parte de suas idéias. Lançaremos mão de um artigo contido em *La Busqueda*, denominado *Mito cosmogónico e historia sagrada*, por tratar basicamente da importância dos mitos de origem. E ainda sua obra *Mito e Realidade* por abordar especificamente a questão do mito.

ELIADE E A LINGUAGEM MÍTICA

A linguagem mítica foi e, por vezes, continua a ser considerada como fantasia, mentira, fruto de “mentes primitivas” etc. Esse sentido negativo, mais comum, deriva do uso platônico e aristotélico de *mythos*, enquanto discurso impreciso, forma distorcida da verdade, em oposição à verdade encontrada pelo intelecto¹. Muitos foram os estudiosos que adotaram essa concepção negativa, como, por exemplo, James George Frazer, antropólogo britânico que considerava o mito como pertencendo a estágios iniciais da evolução do pensamento humano². Por isso, falar de relato mítico na Bíblia a partir da Teologia causa, por vezes, certa resistência.

Pode haver outro caminho para a legitimidade do mito, mais simpática a ele, considerando-o em si mesmo, com características e funções próprias. É o que propõe Eliade a partir de sua perspectiva fenomenológica: Nossa maior possibilidade de compreender a estrutura do pensamento mítico permanece no estudo das culturas onde o mito é uma realidade vigente, onde conforma a base mesma da vida religiosa; em outras palavras, ali onde o mito, *longe de denotar uma ficção, é considerado revelador da verdade por*

excelência.³ [grifo nosso]

Eliade recepciona o mito a partir de dentro da cultura em a que este pertence. Desta forma, o mito, na perspectiva eliadiana, deve ser compreendido em sua totalidade e em sua própria “escala de valores”.⁴

Nessa tentativa de compreensão, Eliade define o mito como “ação sagrada”, “gesto significativo” ou “ato primordial”. Dessa forma, “é mítico não só o que se conta de certos acontecimentos que se desenrolam e de personagens que viveram *in illo tempore*⁵, mas ainda tudo o que se acha em relação direta ou indireta com tais acontecimentos e com personagens primordiais”⁶. Portanto, não só o relato em si, mas tudo o que o cerca, na perspectiva de Eliade, é mítico.

Para Eliade, esses acontecimentos e personagens que agem no mito sempre trazem uma nova realidade, uma nova situação para o cosmo. Daí afirmar que “todo mito é cosmogônico”⁷, já que instaura determinada realidade.

Estabelecendo nova realidade a partir de acontecimentos e personagens que viveram num tempo primevo, o mito desempenha duas funções: “explica e ao mesmo tempo justifica a existência do mundo, do homem e da sociedade”⁸. Assim, projeta-se para o tempo mítico a realidade vivida, com o fim de justificar essa realidade. Por sua vez, os acontecimentos que se desenvolvem no mito explicam a existência humana. Dessa forma, a ação que acontece no mito é vista como “precedente e exemplo”⁹ ou ainda como “história exemplar”¹⁰. O que acontece no mito deve acontecer na vida.

Nesse processo de estabelecer e fundamentar uma determinada realidade, o mito é revivido sempre como recriação que faz com que o nativo da cultura na qual se insere seja um participante do mesmo¹¹. Dessa forma, a cosmogonia do mito é compreendida como “toda espécie de ‘criação’, na extensão mais ampla do termo”,¹² ou seja, sempre que algo é feito, é criação.

Essa relação entre o que o mito narra e a realidade que ele fundamenta liga o mito no pensamento de Eliade aos ritos¹³. Para que o mito encontre lugar na experiência humana, ele deve ser revivido, e uma das formas é o rito. Neste, a criação do mito passa à experiência humana e esta se insere no mito. O mundo da experiência humana, pelo rito é recriado como no mito. Essa relação entre mito e rito pode ser encontrada em ritos de casas, pontes, santuários, cidades, nascimentos, para curas de doentes etc, ou seja, sempre que a realidade humana necessita ser recriada ou manifesta uma nova criação.¹⁴

Em suma, Eliade compreende a estrutura e função do mito como¹⁵:

1. Constitui a história de seres sobrenaturais – nos relatos míticos os agentes são deuses que se apresentam em formas humanas, animais etc, semi-deuses, antecessores míticos, heróis etc.

2. Essa história é verdadeira e sagrada. Verdadeira porque constitui e referenda realidades, portanto, encarada como verdadeira por aqueles que pertencem à cultura à qual pertence o mito. Faz-se notória a constatação de

Eliade acerca disso: “Acrescentemos que, nas sociedades em que o mito ainda está vivo, os indígenas distinguem cuidadosamente os mitos – histórias verdadeiras – das fábulas ou contos que chamam de histórias falsas”¹⁶. É também sagrada porque os seres atuantes são sobrenaturais.

3. O mito é sempre “criação”, narrando como algo passou a existir. Dessa forma, o mito constitui-se em paradigma para a vida humana, não apenas para recitação e ritos, mas para o cotidiano.

4. Ao conhecer o mito é conhecida também a origem das coisas, podendo dominá-las. Esse conhecimento se dá pela recitação dos mitos ou pelos rituais que o materializam.

5. O mito é, portanto, vivido, já que o que ele narra é atualizado na vida dos participantes da cultura na qual o mito se insere.

Eliade trata ainda de muitos outros aspectos do mito, porém, esses fogem ao escopo do presente trabalho. Cremos ter alcançado o que nos propomos, oferecer um panorama do pensamento eliadiano acerca de quais são os *pressupostos* do autor acerca dos relatos míticos e como os *interpreta*.

DIÁLOGOS

Considerando a perspectiva de Eliade acerca do relato mítico, enquanto ação de deuses que fundamentam uma realidade e oferecem exemplos para a mesma, passamos a oferecer à comunidade teológica algumas possibilidades e diálogos que Eliade nos abre para a compreensão de textos mítico presentes na Bíblia:

1. Podemos, a partir daí, aceitar o termo “mito” para textos bíblicos, desvinculando-o do sentido de “mentira” e compreendendo-o como gênero literário, tipo de literatura presente também em outras culturas.

2. Os mitos presentes na Bíblia espelham a realidade vivida pelo povo hebreu. Nos mitos pode-se compreender a realidade vivida e projetada. Desta forma, há por traz do mito um quadro social. Por exemplo, a criação a partir do caos de Gn 1 reflete a situação judaica debaixo do jugo babilônico¹⁷.

3. Os mitos fundamentam a realidade, ou seja, além de espelharem-na, servem de base e exemplo para o que deve acontecer no cotidiano. A partir daí, o mito é compreendido como instrumento de intervenção¹⁸, ou seja, usado para interferir na realidade social. Gn 1, portanto, apresenta-se como a construção de uma nova sociedade dentro do exílio ou ainda no pós-exílio como propõe alguns¹⁹.

4. A partir dos itens 2 e 3, podemos considerar os mitos como *históricos*, já que o que dizem são espelhos e exemplos para determinada realidade histórica. Por exemplo, o relato da Torre de Babel é histórico por que nele compreende-se e fundamenta-se a luta contra o domínio babilônico²⁰.

Vê-se, portanto, como a perspectiva eliadiana acerca da relação do relato mítico com seu fundo histórico ajuda-nos a compreender os relatos míticos bíblicos.

PARA ENCERRAR

Essa comunicação visou ser a abertura para um diálogo entre a Teologia e as pesquisas em religião. Mais especificamente para o que já foi estudado acerca dos relatos míticos em suas próprias características e em diálogo com a Bíblia. Muitos já têm realizado esse diálogo²¹, que precisa ser travado a fim de se ter uma interpretação sólida, fundamentada.

De certo que há muito mais o que falar sobre Eliade ou sobre os relatos míticos. De certo também que teorias precisam ser criticadas, ajustadas, contornadas, revistas etc.

Aqui, oferecemos apenas uma introdução a fim de despertar a curiosidade e vontade para pesquisas bíblicas sobre relatos míticos e os diálogos com pesquisadores de religião.

¹ Cf. Abbagnano, Nicola. Mito in.: Dicionário de Filosofia. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.673

² Cf. Frazer, James George. O Ramo de Ouro. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. E ainda Frazer, James George. El folkloro em El Antiguo Testamento. Madrid: Fondo de Cultura Económica: 1981.

³ Eliade, Mircea. Mito cosmogônico e história sagrada. In.: La Busqueda. Buenos Aires: Ediciones Megapolis, 1971. p.26 – tradução nossa

⁴ Idem. p.28

⁵ Expressão constantemente usada por Eliade para referir-se àquele tempo, ou tempo primevo onde a cosmogonia acontece.

⁶ Eliade, Mircea. Tratado de História das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.338

⁷ Idem.

⁸ Eliade, Mircea. Mito cosmogônico e história sagrada. In.: La Busqueda. Buenos Aires: Ediciones Megapolis, 1971. p.29 – tradução nossa

⁹ Eliade, Mircea. Tratado de História das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.339

¹⁰ Idem. p.350

¹¹ Idem. p. 347

¹² Idem. p.348

¹³ Eliade, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.41ss. Não apenas Eliade, cf. também a relação mito e rito em Croatto, José Severino. As linguagens da experiência religiosa. São Paulo: Paulinas, 2004.

¹⁴ Eliade, Mircea. Tratado de História das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.348. Cf. Eliade, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.28-31. Essa perspectiva da revivência do mito e da recriação da vida é exaustivamente analisada por Eliade em outra obra não utilizada aqui: Eliade, Mircea. Mito do Eterno Retorno. São Paulo: Mercurio, 1992.

¹⁵ O que se segue está em Eliade, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.22

¹⁶ Eliade, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.13

¹⁷ Cf. Schwantes, Milton.

Proyectos de Esperanza. Meditaciones sobre Génesis 1-11. Lima-Perú: Equipo de coordenacion de lectura pastoral de la Biblia. 2007. p.27ss

¹⁸ Cf. Ribeiro, Osvaldo Luiz. Narrativas de Funcionalidade Mítico-literária

– proposta teórico-metodológica para Classificação e leitura de textos do Antigo Testamento. Disponível em [Http://www.ouviroevento.pro.br/publicados/Narrativas__mitico_literaria_1.htm](http://www.ouviroevento.pro.br/publicados/Narrativas__mitico_literaria_1.htm)

¹⁹ Para a Segunda perspectiva, cf. Ribeiro, Osvaldo Luiz. A cosmogonia de inauguração do templo de Jerusalém – o Sitz im Leben de Gn 1, 1-3 como prólogo de Gn 1, 1-2,4a. [tese de doutorado] Rio de Janeiro: PUC, 2008.

²⁰ Cf. Schwantes, Milton. Proyectos de Esperanza. Meditaciones sobre Génesis 1-11. Lima-Perú: Equipo de coordenacion de lectura pastoral de la Biblia. 2007. p.69ss

²¹ O. Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro usou muito bem essa perspectiva em sua tese doutoral citada acima.